

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UM OLHAR SOBRE A PRÁXIS EDUCATIVA

Francineide Batista de Sousa Pedrosa – Estudante – UEPB
Maria do Socorro de Oliveira de Almeida – Estudante - UEPB

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer uma leitura da práxis educativa do ensino de Língua Portuguesa dentro de uma perspectiva reflexiva, pois, a escola como agente transformadora da sociedade tem o papel de promover o ensino aprendizagem, para que os educandos desenvolvam suas capacidades e tornem-se aptos a atuarem socialmente. Dessa forma, o professor como mediador, precisa inovar seus métodos a fim de contribuir com o crescimento do ensino de língua, de forma que possa beneficiar outras áreas do conhecimento tanto dentro como fora do componente curricular em questão. O educador precisa disponibilizar tempo para trabalhar de forma igual os conteúdos referentes ao ensino de gramática, literatura e produção textual, pois, os três se completam e são indispensáveis no processo de aprendizagem. O trabalho foi fruto de uma pesquisa baseada na observação do Estágio Supervisionado em uma escola municipal, envolvendo uma turma de nono ano do Ensino Fundamental. Faremos uma abordagem teórica metodológica usando pressupostos de vários autores acerca do assunto, e fazendo um paralelo entre a forma como o docente ministra esse ensino e o que os teóricos abordam sobre o assunto. Adotou-se uma abordagem qualitativa para análise dos dados. A conclusão introdutória nos revela pistas que indicam que o professor possui o conhecimento necessário a respeito do ensino de língua materna, mas, esse conhecimento nem sempre é colocado em prática.

Palavras – chave: Ensino de Língua Portuguesa. Práxis educativa. Ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

This work has as objective to address the educational practice of the teaching of Portuguese language within a reflexive perspective, because the school as an agent for transforming society's role is to promote the teaching and learning so that students develop their skills and make-is able to act socially. Thus, the teacher as a mediator needs to innovate its methods in order to contribute to the growth of language teaching, so that it can benefit other areas of knowledge both inside and outside the curriculum component in question. The educator must provide time to work equally content related to the teaching of grammar, literature and textual production, because the three are complementary and indispensable in the learning process. The work was a result of research based on observation of Supervised Internship in a municipal school, involving a class of ninth year of elementary school. We will make a methodological approach using theoretical assumptions of various authors on the subject, and making a parallel between the way the teacher education minister and that this theoretical approach on the subject. We adopted a qualitative approach to data analysis. The introductory conclusion reveals clues that indicate that the teacher has the necessary knowledge about the teaching of mother tongue, but this knowledge is not always put into practice.

Key - words: Teaching Portuguese Language. Educational praxis. Teaching / learning.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Romanelli (2007), desde sua origem, observa-se na escola uma transição da humanidade de uma etapa para outra, ou seja, da Idade Média para a Renascença, do mundo espiritual para o terreno (fé – razão), da vida no campo para a vida na cidade. Ou seja, a educação está inserida em nossas vidas desde os primórdios e acompanha o desenvolvimento social colocando o homem frente às diversas situações de mudanças. Assim, “A educação é, naturalmente, o elemento crucial para o reajustamento do homem a situações sociais que se alteram celeremente.” (FLORESTAN, 1979, p. 108)

A educação deve acontecer além dos muros da escola. O avanço da sociedade não acontece sem a contribuição da educação, como também ela não é responsável sozinha pelas transformações sociais. A sociedade não é estável nem estática, ela está em constantes mudanças. “A escola não é a alavanca da transformação social, mas essa transformação não se fará sem ela.” (GADOTTI, 2005, p. 73)

Sendo a escola uma instituição social notadamente reconhecida pelo seu objetivo maior que é o desenvolvimento das capacidades e potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da qual se desenvolvem as diversas atividades e conteúdos como, conhecimentos, habilidades, atitudes, valores, ela se faz instrumento necessário no processo de aprendizagem e participação dos cidadãos em uma determinada sociedade. Neste aspecto:

Educação representa fenômeno dos mais soberbos da humanidade, no sentido das estratégias colocadas teórica e praticamente as sociedades para promover as novas gerações. [...]. Tem objetivo próprio e eterno dentro do desafio humano de garantir para as novas gerações oportunidades aprimoradas. Não se trata de reproduzir culturas, mas de recriar gente nova. (DEMO, 2004, p. 25).

Assim sendo, estabelece-se seu grande desafio, que é promover um ambiente que proporcione o desenvolvimento dessas capacidades, de modo a favorecer uma aprendizagem significativa a favor dos objetivos propostos, visando o encontro com o saber de forma prazerosa e funcional.

Este trabalho é fruto das atividades referentes ao Estágio Curricular Supervisionado I, desenvolvidas no período compreendido entre 13 de abril a 25 de maio de 2011 em uma unidade escolar da rede municipal de ensino da cidade de Catolé do Rocha-PB,

a partir de observações feitas em uma turma de nono ano (oitava série) turno matutino, nas aulas de Língua Portuguesa.

O desenvolvimento deste trabalho se deu com o objetivo de investigar como eram ministradas as aulas de Língua Portuguesa, bem como a atuação, por parte do docente, no que diz respeito à gramática, literatura e produção textual. Traçamos um paralelo entre o discurso dos teóricos, os Parâmetros Curriculares Nacionais, bem como o desenvolvimento da profissão docente, através da observação e do contato com o campo de atuação pedagógica.

Quanto a sua relevância, diz respeito à aprendizagem docente e a metodologia trabalhada em sala de aula, levando-se em consideração a experiência no campo profissional, a relação teoria/prática, as dimensões políticas e sociais no campo educacional, bem como os aspectos físicos e estruturais da instituição escolar.

Apresentaremos a seguir aspectos relacionados ao campo educacional como um todo; fundamentos sobre a escola e o ensino; dimensões políticas e sociais; ensino da língua portuguesa, literatura, gramática; produção textual; leitura; experiência docente; relato da observação na escola campo de estágio.

Faremos assim, uma análise detalhada de cada item citado, relacionando com as observações e experiências adquiridas no decorrer da nossa permanência na escola campo de estágio, bem como as aprendizagens construídas ao longo dos períodos no campo acadêmico.

2 A EDUCAÇÃO COMO AGENTE TRANSFORMADORA DA SOCIEDADE

2.1 A linguagem como forma de participação social

O homem é por natureza um ser social, e como tal, para realizar-se socialmente ele precisa está inserido numa comunidade social e assim poder interagir com seu semelhante. A educação caracteriza-se como prática social, na medida em que ela representa uma contribuição para o desenvolvimento dos indivíduos e a sua relação com a natureza e com outros seres, sendo uma atividade prática e diretamente voltada para a comunicação.

A linguagem, então passa a ser uma das formas de interação entre o homem e a natureza efetivando-se na forma integral do diálogo. Assim, a linguagem constitui “um instrumento para a socialização do indivíduo e a escrita e a leitura são fundamentais no desenvolvimento das formas de comunicação nesse processo de socialização.” (SILVA, 2004, p.81)

A Língua Portuguesa apresenta uma grande gama de variações: uma pessoa de classe média alta não fala como uma de classe baixa; um baiano não fala como um gaúcho; os dialetos rurais diferenciam-se dos dialetos falados em áreas urbanas pelos grupos sociais com alto nível de instrução.

É por meio da língua que o homem se comunica socialmente, que tem acesso a informações, que se expressa e demonstra seus pontos de vista em relação a um determinado assunto, bem como partilha conhecimentos e constrói visões de mundo. É por meio da língua que o ser humano mantém relações sociais, culturais e políticas e garante o acesso aos saberes necessários ao exercício da cidadania.

E sendo a língua, responsável pelo exercício da cidadania, a educação comprometida com esse exercício deverá criar condições para que o aluno possa desenvolver competências discursivas por intermédio da mesma. “O sujeito deverá ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita”. (BRASIL, 1988, p. 23)

De acordo os PCNs (1988), a linguagem tem importância e valor determinado ao longo da história e acompanha o desenvolvimento da sociedade em seus determinados momentos, o que evidencia as virtualidades das diversas linguagens humanas como instrumentos utilizáveis para referenciar as mais diversas formas e concepções de uma língua como sistema utilizado por toda uma comunidade de falantes. Assim, a linguagem possui um imensurável valor na organização da sociedade, podendo o seu uso satisfazer as demandas sociais.

Ao produzir a linguagem, o homem necessita de práticas sociais, e aprender a língua não é somente aprender as palavras, mas também ter conhecimentos sobre os seus significados. É saber o valor que cada uma das palavras tem frente aos diferentes contextos sociais, pois a atividade linguística é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e esses conceitos determinam a realidade, categorizando o mundo. Assim, “a linguagem verbal possibilita ao homem representar a realidade física e social, desde o momento em que é aprendida”. (BRASIL, 1997, p.24)

2.2 O ensino de língua portuguesa: como trabalhar a escrita e a leitura no ensino fundamental

De acordo com os PCNs (1997), o ensino de Língua Portuguesa na escola articula três importantes variações, centradas: no aluno, na língua e no ensino. No qual o aluno é sujeito da ação de aprender; a língua é o elemento responsável pela fala, pelo que circula dentro e fora da escola, tanto oral como escrito; e o ensino é a prática educacional responsável pela mediação e organização do conhecimento que se dá entre sujeito e objeto desse conhecimento organizado.

Neste processo, o professor se faz elemento necessário dentro dessa tríade como mediador da aprendizagem, visto que, “para que essa mediação aconteça, o professor deverá planejar, implementar e dirigir atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno”. (BRASIL, 1997, p. 29)

A escola tem por obrigação acompanhar o ritmo da sociedade, já que ela constitui-se em uma instituição social de acesso ao conhecimento e a promoção da cidadania. E, na medida em que a sociedade avança a escola também deverá avançar, promovendo, através das relações afetivas cotidianas, da busca de informações e praticando o exercício da reflexão, o contato com diversos tipos de textos que facilitem as exigências das práticas diárias.

Assim, é papel da escola trabalhar com uma diversidade de textos que facilitem essa reflexão. Textos que façam parte do universo social do aluno, e contribua na interpretação dos mesmos, bem como na produção de outros, intercalando as diferentes disciplinas. O que se observa nas aulas de Língua Portuguesa é uma falta de interação entre os textos trabalhados com os demais que o aluno mantém contato durante as outras aulas.

A prática da leitura e da escrita no ensino fundamental necessita de níveis de profundidade, não só por parte dos alunos, mas especificamente por parte dos professores. A estes, caberão o desenvolvimento de suas práticas, condizente com o nível de formação da turma, criar condições favoráveis de leitura e escrita sem, contudo, usar da imposição, mais sim, procurar incentivar o gosto pela prática dentro e fora da sala de aula, adaptando os textos de acordo com a vivência dos seus educandos. Tornando a leitura e a escrita um hábito constante em suas aulas.

2.3 Gramática e literatura na concepção do ensino de língua materna

Segundo os PCNs, o texto literário é uma forma específica de conhecimento, e por esse motivo, deveria está inserido na prática cotidiana da sala de aula, pois, caracterizando-se

como uma rica fonte de aprendizagem, não deverá de maneira alguma ser deixado de lado. Visto que engloba especificidades da experiência humana, e leva os alunos a desenvolverem um pensamento crítico/reflexivo, tanto na parte intelectual, afetiva, cognitiva, emocional, quanto na questão social.

Conforme Chiappini (2007), o ensino da língua materna sempre aconteceu de forma separada do ensino de literatura, ocupando campos de saberes distintos, apesar de ministrados por um único professor. Desde bem pequeno, e mesmo sem ter conhecimento da literatura e dos seus significados, o aluno está em contato com ela. Porém, só a partir do ensino médio é que lhe é apresentado o sentido real da literatura.

No que se refere aos textos literários trabalhados em sala de aula, a autora relata que o professor muitas vezes, não os usa de forma adequada. E aos mesmos, são inseridas partes gramaticais, inibindo o gosto dos alunos pela leitura, que deveria ser prazerosa, pois a literatura em si deveria despertar nos educandos a capacidade de exprimir sentimentos próprios e interesse pelas obras literárias.

Apesar de todos os avanços no campo educacional, a separação entre o ensino de língua materna e a literatura continua existindo. Os professores, apesar de terem conhecimento da maneira correta de como se trabalhar gramática e literatura acabam cometendo os mesmos “pecados”.

O que precisa ser cuidado na relação criança/livro é o valor artístico do livro. Que o livro não seja explorado com exercícios sobre gramática, mas com uma discussão sobre a vida, sobre o que nos rodeia, sobre as associações que suscita nas crianças. (PARREIRAS, 2009, P. 35)

A gramática deve sim ser ensinada e o professor também deve buscar uma maneira de associar essas partes já que as duas estão inseridas numa mesma disciplina, Língua Portuguesa, porém, ao fazer essa ponte, o professor deve ter cuidado pra não acabar priorizando uma em detrimento da outra. .

De acordo com Silva (2004), é preciso uma mudança na forma como os professores ensinam a gramática. Um professor com grande conhecimento da gramática tradicional pode aproveitar esse conhecimento na medida em que, dominando essa estrutura tradicional, possa se desvincular dela e transmitir o conhecimento a seus alunos, “levar o seu ensino a bom termo e despertar, pelo seu trabalho o gosto, mesmo o prazer pelo estudo da gramática”. (SILVA, 2004, p. 83)

No entanto, tanto a literatura quanto a gramática, é repassada aos nossos alunos de forma distinta, cabendo a literatura o papel de se mostrar como obras prontas ou textos consagrados, onde o aluno apenas seleciona informações, perdendo assim, sua capacidade de criação. A gramática também exerce papel parecido, pois através dela são medidos níveis de comportamento social, individual, usual ou regras impostas que pouco acrescenta à vivência cotidiana.

A causa do problema se encontra nessa forma de educação que divide o saber, fazendo com que cada especificidade seja vista de forma separada e o conhecimento se resume em mera informação. O que deveria ser uma consciência formadora fica fracionado, tornando inevitável essa separação. O ensino de literatura como também o de gramática precisaria de uma manutenção, onde as informações seriam necessárias, mas sem esquecer as experiências comuns do dia-a-dia que teriam um papel formador e não só informativo.

3 ESCOLA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

É esse o espaço que pensamos quando nos referimos a escola. Espaço onde serão construídas as aprendizagens, as interações, a troca de experiências, a relação entre indivíduos. No entanto, nem sempre elas acontecem ao menos na dimensão que deveria acontecer. Podemos observar crianças desmotivadas, sem estímulos para frequentarem a sala de aula. E a escola passa a ser um local aonde elas vão por obrigação e não por desejo de aprender.

Segundo os PCNs (1997), a escola precisa estar vinculada as questões sociais e aos valores humanos. O que não se refere apenas ao conteúdo escolar, e sim, a organização do espaço como um todo. Os profissionais envolvidos no campo educacional manifesta e coordena as ações de acordo com as necessidades de cada espaço e de maneira que seus educandos acompanhem o processo de desenvolvimento.

Para que haja um bom aprendizado não é só necessário que “o aluno participe na definição dos objetivos e no planejamento das atividades se estes objetivos e atividades não representam, em primeiro lugar, desafios que o ajudem a avançar e, em segundo se não são metas a seu alcance”. (ZABALA, 1998, p. 97)

Um bom projeto educativo compreende a discussão dos valores sociais dos seus educandos, levando em consideração alguns pontos relevantes dentro do processo

educacional, priorizando a forma de planejamento, que deverá ser coerente com as necessidades dos agentes da aprendizagem (alunos).

A escola campo de estágio, na qual desenvolvemos o nosso estágio de observação visando atender as exigências da disciplina Estágio Supervisionado I, compreende uma escola de porte médio, em consideração as demais escolas do município. Funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite, e atende a uma clientela que vai da Educação Infantil ao nono ano, atendendo também ao programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA)

No geral, a escola enfrenta alguns problemas, como a maioria das escolas públicas enfrenta, mas também é bastante procurada por ser uma escola que preza pela formação dos seus educandos com responsabilidade, respeito e dignidade. Percebemos também que a escola se preocupa em trabalhar com as duas faces do currículo, levando tanto ao ensino institucionalizado como ao ensino que proporcione o exercício da cidadania, a formação ética, e a autonomia intelectual.

4 EXPERIÊNCIA DOCENTE: UMA REFLEXÃO TEORIA/PRÁTICA

Nóvoa (1997), em seus relatos sobre profissão docente, afirma que “os professores são os protagonistas da escolarização e assumem a tarefa de promoverem a educação”. (p. 15). Para que os profissionais da educação possam desempenhar as atividades inerentes a sua profissão, cabe a eles buscarem seus próprios conhecimentos através de uma formação inicial, caso já as tenha, precisam dar continuidade a esta através da formação continuada.

Na realidade, para haver um bom desempenho profissional, é preciso que as instituições estejam abertas às mudanças. Todavia, para que elas ocorram vai depender do trabalho dos professores, de sua formação, das práticas pedagógicas. Os professores precisam tomar consciência dos seus atos, serem responsáveis pelo seu processo de formação e pelas pessoas que estão formando.

Pimenta (2007) afirma que a formação profissional tem início desde o momento em que o docente passa a lidar com situações de aprendizagens diversas, inseridas tanto na sociedade quanto nas universidades, através dos cursos de formação dos professores, além, também, das lições que se aprende com outros profissionais da área.

Com base no exposto, colocaremos aqui os relatos referentes às observações desenvolvidas fazendo um paralelo com o que dizem os teóricos sobre a atuação dos profissionais no campo educacional, bem como as práticas utilizadas em sala de aula pelo docente observado, referentes ao ensino de gramática, literatura, leitura e escrita.

O professor iniciou a aula fazendo a complementação da atividade da aula anterior. O assunto abordado era referente à gramática (complemento nominal, adjunto adnominal e adverbial), fez as devidas anotações no quadro e na aula seguinte trabalhou a parte de produção textual do livro didático.

A turma observada (nono ano) era uma turma fora da faixa etária, composta por jovens, numa faixa etária entre 16 e 19 anos. E os que não estavam muito fora da faixa etária eram repetentes na série. Vimos este ponto como sendo bastante negativo, não pelo fato de serem repetentes ou fora da faixa etária, mas, pelo motivo de serem cobrados por isso. O professor sempre estava lembrando que eles precisavam estudar mais que os outros, para poderem adquirir o mesmo “nível” das outras turmas.

Percebemos que nem todos faziam as atividades passadas para casa. Esse fato nos chamou muito a atenção, porque o professor perguntava quem tinha feito a atividade, passava nas carteiras colocando visto nos cadernos, mas na hora da correção ele não perguntava ou não pedia para lerem as respostas, e aqueles que tinham feito ficavam calados e quando o professor repetia as respostas, apagavam as suas e escreviam as dele, inclusive as respostas pessoais.

Isto se deu em todos os exercícios. O professor fazia a correção oralmente, ditando todas as respostas, e com isso os alunos não tinham participação, a aula tornava-se um monólogo onde a fala era objeto apenas do professor. Posterior a aula, o professor explicou que, por a turma ser composta de alunos repetentes e fora da faixa etária, eles não gostavam de participar das aulas.

Isso “justificaria” a falta de participação na elaboração das respostas do exercício e o fato dele ditar até as respostas pessoais. Zabala (1998) enfatiza que “é preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar”. (p. 100) Quando o aluno não tem confiança em si próprio, o marco de relações entre os educandos se quebra. Ou quando esse marco não é trabalhado, dificulta o processo de interação e construção do conhecimento.

Com relação à leitura, não foi muito diferente. O professor abria o livro didático e ele mesmo lia os textos, não houve, em nenhuma ocasião da nossa observação, uma interferência de um aluno com relação à leitura, nem muito menos um incentivo para que alguém se dispusesse a ler um texto. Já em relação à escrita o professor lançou propostas de produção textual sem, contudo, desenvolver uma discussão acerca dos temas. “Para o aluno aprender a escrever, precisa encontrar interlocutores, colocar-se em dialogia, encontrar espaços para atividade humana de expressão, [...]”. (LEAL, 2008, p. 66).

Quando se fala em produção textual, pensa-se logo em redação e concomitantemente em o que escrever. Mas a produção textual não está só relacionada à parte escrita, mas também aos textos falados, neste ele é visto como espaço de interlocução. Para Leal, o aluno escreve um texto para que este seja lido, mas como nas práticas de sala de aula esta lógica se inverte, “o aluno não escreve para ser lido, mas para ser corrigido”. (2008, p. 55).

O mesmo aconteceu com relação à literatura, que também ficou ausente durante o período citado. Nós, como futuros educadores, sabemos da importância que tem a literatura, e é a partir dela que os leitores adquirem experiências vivenciadas e amplia seus horizontes, como bem afirma Chiapinni:

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. (2007, p. 22-23).

Uma das aulas de gramática que mais chamou a nossa atenção foi a exposição do conteúdo feita através de um vídeo. O professor fez a revisão de sujeito e predicado e em seguida aplicou um exercício de verificação da aprendizagem. Nesta aula pudemos observar a apreensão do conteúdo por parte dos alunos. O vídeo era uma aula ministrada por professores numa linguagem clara e objetiva, o que prendeu bastante a atenção deles.

O professor é um grande instrumento de descoberta das necessidades educacionais. E através do diálogo profissional, ele será capaz de identificar problemas que poderão ser solucionados. Contudo, eles precisam refletir sobre sua prática e tentar melhorá-la ou adaptá-la. A formação deve estar próxima da realidade escolar e dos problemas sentidos pelos professores, visto que um profissional atuante na educação deve estar ciente de que ele é o responsável pelo desenvolvimento de futuros cidadãos, uma vez que é papel da escola prepará-los para o convívio em sociedade. A melhoria na formação profissional está na inserção em seu campo de trabalho, e na reflexão que cada um faz sobre a sua prática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz das considerações que traçamos ao longo deste trabalho concluímos que, analisar a prática cotidiana da escola, no que se refere ao ensino de língua materna, não é tarefa fácil. Pois, de acordo com os PCNs “A prática de análise e reflexão sobre a língua permite que se explicitem saberes implícitos nos alunos, abrindo espaço para sua reelaboração”. (BRASIL, 1997, p. 78) Sendo assim, essa reflexão torna-se necessária dentro e fora do âmbito da sala de aula, ou seja, é um processo que envolve toda a comunidade escolar.

Contudo, é preciso lembrar também que esse processo não se fará com a ausência do professor. Ele é um marco fundamental na análise das práticas educativas, e, como afirma Nóvoa, a prática docente precisa ser reflexiva. O professor precisa a todo o momento, refletir sobre sua atuação pedagógica para tentar melhorá-la ou adaptá-la de acordo com as necessidades dos seus alunos. Ele não pode se omitir em relação às melhorias de condições no que se refere a aprendizagem dos seus educandos, o que ele precisa, é levar a sério a educação, visto, que é ela, a base de formação do ser humano.

Ainda constatamos, mesmo em se tratando de professores com formação em língua materna, uma distância em relação à práxis educativa. O que nos permite uma análise mais profunda sobre o ensino da língua. Pois o educador não pode se acomodar e se conformar com o que diz, por exemplo, o livro didático. Sabemos que o livro é uma fonte de orientação e ajuda para o professor, mas não pode e não deve ser usado como única fonte de recursos.

O professor precisa lançar mão de outros materiais necessários à construção do conhecimento, sempre lembrando que o seu aluno não é uma folha em branco, ele traz consigo, conhecimentos adquiridos ao longo de sua vivência fora do espaço escolar, e que esses conhecimentos precisam ser aproveitados.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino fundamental.** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1988.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1988.

CHIAPPINI, Lígia. **Aprender e ensinar contextos didáticos e para didáticos**. 5º ed, v. 2. São Paulo: Cortez, 2007.

DEMO, Pedro. Introdução; Sociologia e Educação: Teoria e Métodos. In: **Sociologia da Educação: sociedade e suas oportunidades**. Brasília: Plano Editora, 2004.

FLORESTAN, Fernandes. **Mudanças Sociais no Brasil**. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: introdução a pedagogia do conflito**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. A formação do produtor de textos escrito na escola: Uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: VAL, M. da. G. Costa; ROCHA, Gladys. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o sujeito- autor**. 1º ed. 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica / CEALE/ FaE/ UFMG, 2008. P. 55-67

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley. (Org.). **O texto na Sala de Aula**. 3. ed. São Paulo. Ed. Ática, 2002.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S.; **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NÓVOA, Antônio. **Os professores e sua formação profissional**. Portugal: Editora Porto, 1997.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2007.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. **O português são dois... novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. (Tradução Ernani F. da F. Rosa). Porto Alegre: Artmed, 1998.